

## ENSAIO À MANEIRA DE O MUNDO DE FLORA

Eduardo Luz

livros

A bibliografia de Angela Gutiérrez compõe-se de *O mundo de Flora*, romance, 1990; *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*, tese de doutorado, 1994; *Canção de menina*, poesia, 1997; *Avis rara*, contos, 2001; e, deste ano de 2006, o romance *Luzes de Paris e o fogo de Canudos*. Esta é uma ligeira apreciação de sua primeira obra: *O mundo de Flora*.

paratexto

Como se sabe, a paratextualidade corresponde às relações que o texto mantém com o próprio livro – tomado como objeto – e com os escritos que o constituem ou fizeram parte de sua composição. Dentre os elementos que estabelecem diálogo com o texto, estão as ilustrações do grande artista plástico Estrigas. No corpo do livro, encontram-se quatro ilustrações pontilhistas, ou seja, desenhos em que foi empregada a técnica do pontilhado, pequenos pontos que se acumulam para compor um painel. Das quatro ilustrações, duas encontram-se logo no início do livro, como a sugerir, desde cedo, o processo de composição do romance: agrupamento de pequenos textos justapostos, de gêneros diversos, a serviço de um panorama a ser construído pela leitura.

o jogo  
da  
amarelinha

Ao fim de *O mundo de Flora*, Angela Gutiérrez propõe ao leitor um índice que, seguido, propicia uma leitura renovada da obra, uma vez que os fragmentos que a compõem estarão oferecidos à leitura em uma ordem diferente daquela em que os acabamos de ler. É um “Tabuleiro de Direção”, como Julio Cortázar propõe ao leitor de *O jogo da amarelinha* (*Rayuela*), extraordinário romance da década de 60. Estivesse a proposta de Angela Gutiérrez no início do romance, como na obra de Cortázar, e aqui teríamos o primeiro de inúmeros, riquíssimos e indispensáveis contrapontos que seu texto mantém com a tradição literária ocidental, de Camões a Jorge de Lima, de Baudelaire a Moreira Campos, contrapontos imprescindíveis para a percepção do perfil de Flora, a protagonista, aquela que viveu “sempre mais à vontade em mundos emprestados” pela ficção.

Flora e as  
“verdades  
consabidas”

Em *O mundo de Flora*, o catalisador da obra é o senso de família. Sucedem-se mulheres que se chamam Nívea (em geral “tristes, contemplativas”), Branca (as “religiosas e um tanto românticas”) e Flora (“imaginativas”, apaixonadas pelos livros). Na representação de Flora e de seu universo, desponta a voz do narrador, às vezes coincidindo com a personagem, muitas vezes não, num jogo de planos que instiga a sensibilidade e a inteligência do leitor. Outros elementos estruturais da narrativa, como o tempo e o espaço, são igualmente explorados em planos diversos. Essa técnica que Angela Gutiérrez manipula tão ludicamente leva ao paradoxo de fazer a obra tanto mais encorpada, quanto mais maleável fica. Com isso, Flora torna-se metonímia de sua família, que é a verdadeira personagem central do romance.

história e  
História

História do Ceará e História do Brasil pontuam *O mundo de Flora*, e cada personagem revela-se no entrecruzamento de experiências individuais e coletivas, de energias familiares e sociais, de forças genéticas e históricas. Todo esse mundo indivisível reside em figuras que remetem ao Império – como Padre Tomé, o senador – até alcançar os anos da ditadura iniciada no infausto ano de 1964. Não sendo um romance histórico, o livro nos lembra que somos seres históricos, por identificação com seres de papel, históricos também. Já se disse que toda obra é de seu tempo, mesmo aquelas que resgatam o passado, porque os olhos que o resgatam são do tempo da obra.

ficção e  
etnografia

A estrutura de composição de *O mundo de Flora* trai a inclinação da escritora pelo equilíbrio, pela conciliação entre sinais opostos. Na obra, “causos” e “conversas fiadas” neutralizam dramas profundos e traumas absolutos. Tudo porque vida e morte implicam-se, e então compreendemos que nós contamos histórias e que elas contam sobre nós mesmos. *O mundo de Flora* ensina-nos como um escritor ou uma escritora de vocação etnológica pode fazer ficção, e da melhor qualidade, sem contrariar o senso de pesquisa que ele ou ela tem.

carta em  
ensaio

Se *O mundo de Flora* traz tantos “retalhos”, e de gêneros tão distintos, inclusive cartas, gostaria de despedir-me com uma, escrita no dia de meu aniversário, no já distante ano de 1991, dirigida à romancista. Creio que, assim o fazendo, sintonizo melhor este ensaio com uma das principais propostas de Angela Gutiérrez: o empréstimo de gêneros. Abram os olhos a carta:

Prezada Angela,

A insônia de Flora resgata as longas noites em que o pastor Hesíodo, deitado sobre a relva, esteve à espera das Musas. Um dia, enfim, as nove deusas o procuraram, deram-lhe um ramo de oliveira e a missão de celebrar “a raça dos bem-aventurados sempre vivos”. Em outras palavras, distinguiram o pastor com a missão poética. Flora, no entanto, ao retomar os seus “vivos”, na verdade está a apontar-nos que as nove Musas são filhas de Mnemósine, a lembrança conservada em todas as almas. Mais que isso: lembra-nos o embate (aqui, sem vencedor ou vencido) entre os dois irmãos: Mnemósine e Cronos. E *O mundo de Flora* é uma retomada admirável desta luta – talvez melhor fosse dizer peleja, como pede o falar cearense.

Você conseguiu nos dar o sangue que estava “sob a palidez dos rostos retratados”, mas sangue e rosto do mundo não apenas de Flora, porque a palavra-chave de seu livro é *vida*. Os capítulos se unem para formar o livro como os seres se unem para formar a vida, e todos nos vemos como Flora se vê Esmeralda sob os olhos de Quasímodo.

Agradeço-lhe por esta Flora, autêntica senhora das flores, preservadora das árvores frutíferas, Flora de Zéfiro (do zéfiro Diego), Flora tanto do anjinho cercado de “brincos-de-princesa, mimos-do-céu e outras florezinhas sem nome”, como do povo que atira flores – “flores, não, folhinhas de ficus-benjamim que tem na praça”.

“Amigo sono, vem!”, ela nos diz. Agora ele já pode vir, que a obra da insônia é bela como os hinos entoados pelas nove Musas.

Do aluno e admirador,

Eduardo Luz